

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Eu e os outros**

“A desigualdade é a raiz dos males sociais”. Contudo, um bom negócio na bolsa vale mais que milhares de desempregados

**Carlos Pimenta**

1. É bom sonhar mesmo que saibamos que “a realidade é superior à ideia”.

Sonhamos com as palavras do Papa Francisco: “A adoração do antigo bezerro de ouro (...) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura de uma economia sem rosto e sem um objectivo verdadeiramente humano. (...) provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. (...) O dinheiro deve servir, e não governar!”. E nestes caminhos também germina o “cancro social que é a corrupção”.

Que se pode esperar da Evangelii Gaudium do Papa Francisco se “a Palavra” se fizer vida?

2. A fraude é sempre uma assunção do “eu” contra os outros. É um resultado da organização da vida em sociedade.

“Estamos na era do conhecimento e da informação, fonte de novas formas de um poder muitas vezes anónimo”. A globalização gera um anonimato dos consumidores e dos accionistas. Muitas multinacionais estão acima dos países, não necessitam de se adaptar aos contextos sociais e a deslocalização é parte da sua estratégia. As administrações aproveitam esta diluição do poder para promoverem a criatividade contabilística, o curto prazo e as suas chorudas remunerações.

Nem todos são assim, mas assim se domina o mundo, via mercados.

“A desigualdade é a raiz dos males sociais”. Contudo um bom negócio na bolsa vale mais que milhares de desempregados, ao mesmo tempo que os governos garantem uma “política anti-inflacionária” em detrimento do desenvolvimento social.

“Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”, mas os ricos são os senhores do mundo. As grandes fortunas têm vias para pagarem menos impostos, e políticos submis-

sos, interesseira ou ideologicamente. Aumenta o fosso social entre pobres e ricos e as desigualdades na distribuição do rendimento, entre países e dentro de cada um deles.

3. Por isso o caminho deve ser outro. A marginalização social é a ruptura da coesão social e da paz: “Quando a sociedade – local, nacional ou mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos, nem forças da ordem ou serviços secretos que possam garantir indefinidamente a tranquilidade (...) porque o sistema social e económico é injusto na sua raiz.” A solidariedade deve sobrepor-se ao “individualismo hedonista pagão”, “é uma reacção espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada”.

A ciência, a cultura, a religião e o quotidiano mostram que o “eu” só existe enquanto parte do nós. É essencial “a vida comunitária e o compromisso com os outros”. Tudo seria diferente se as relações entre o eu e os outros fossem a expressão da indissociabilidade do

tudo, de uma nova relação ética porque esta “permite criar um equilíbrio e uma ordem social mais humana”.

4. Se “a Palavra” se fizer vida, se a relação dialéctica do eu com os outros se impuser como prática ética, consciente e assumida, o mundo será melhor e a fraude desceria para níveis históricos.

Assim seria com as fraudes oportunistas (as que se processam esporadicamente, em resultado do aproveitamento de oportunidades, saberes e autojustificações), mas o mesmo não seria de esperar com a fraude organizada (resultado de uma prática sistemática e deliberada, associada a instituições criminosas). Nestas até “a Palavra” morre.

Estas só poderão ser combatidas pela criminalização e condenação exemplar dos seus agentes e autores, eventualmente pelo cerceamento das suas vantagens financeiras.

Escreve à sexta-feira

**Um bom negócio vale mais do que milhares de desempregados****SESSÕES CONTINUAS****LAURO ANTÓNIO***Duas crises com respostas opostas*

Existem muitas semelhanças e algumas diferenças entre a Grande Depressão causada pelo crash de 1929 e a crise de 2008, na qual ainda nos debatemos. As analogias resultam quer das causas, especulação bolsista, bolhas financeiras, desregularização de actividade bancária, entre algumas mais, quer das consequências, desemprego galopante, pobreza em espiral, falências em cascata, desespero social... Mas onde se descortinam as maiores divergências é na resposta encontrada para combater as duas crises. A Depressão de 30 encontrou pela frente políticos decididos, nomeadamente nos EUA, onde Roosevelt atacou de frente os desvarios do grande capital, resolvendo instituir o Estado social, com medidas de apoio ao trabalho, assegurando sindicatos e segurança social, criando emprego, desenvolvendo um plano de obras públicas. Mas para lá dessas decisões, o New Deal procurou sempre criar uma atmosfera de optimismo, de cumplicidade e solidariedade social. Não ao discurso derrotista, sim ao voluntarismo do cidadão, que, isolada e colectivamente, devia encontrar dentro de si a força necessária para recuperar o país. Foi assim que se instituiu o Estado social, que depois se iria estender à Europa e consolidar. Com a criação de uma classe média cada vez mais alargada.

A partir dos anos 80, com Thatcher e Reagan, os yuppies e a deificação do dinheiro, tudo mudou. Não se sabe se por calculismo premeditado, se por acaso de diversos factores a concorrerem para a situação, nomeadamente a globalização e a economia de mercado virtual, o que se vem verificando é que sistematicamente o Estado social tem sido atacado, diminuído, constringido. A resposta encontrada para a crise desencadeada em 2008 é tentar dar-lhe a machadada definitiva, com estes programas de austeridade desenfreada, desumana e assassina. A ditadura financeira que se tenta impor às sociedades, sem rosto visível, pairando na realidade virtual, procura repor privilégios e recuperar terreno perdido. E a política subjuga-se ao poder financeiro.

Cineasta, escreve à sexta-feira